

Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré

MARCOS SILVA (Org.)

Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, 469p.

*Augusto Buonicore**

General, comunista e grande intelectual. Ninguém, além dele, conseguiu reunir essas três condições numa única e mesma pessoa. Só isso faria de Werneck Sodré um interessante objeto de estudo. Mas o que mais nos interessa aqui é seu papel como intelectual marxista.

Mais uma de suas originalidades é que não existe nenhum outro pensador da esquerda brasileira que tenha abordado um tamanho número de temas: história da literatura, história militar, história da imprensa, história da cultura, geografia, além, é claro, da tentativa de construir uma interpretação original sobre nossa formação econômica e social. Historiador militante, na condição de membro do ISEB, assumiu um posto na vanguarda da luta contra a influência negativa do imperialismo e do latifúndio na sociedade brasileira.

No entanto, as vicissitudes do tempo fizeram que a obra de Sodré não fosse apenas alvo da direita liberal-conservadora, mas também de setores da chamada “nova esquerda”. Suas contribuições teóricas passaram a ser menosprezadas e, até mesmo, vilipendiadas. Seu marxismo foi acusado de ser dogmático, esquemático etc.

Apenas recentemente, sua obra passou a ser revisitada, sem os preconceitos de outrora. Vários trabalhos sobre seu pensamento começaram a ser publicados.

* Mestre em Ciência Política, Unicamp.

A última surpresa editorial foi o lançamento do *Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré*, organizado por Marcos Silva e publicado pela Editora da UFRJ. Ele é composto, como afirma o próprio organizador, “de 83 verbetes, dedicados a livros individuais ... amostragem de blocos de artigos em periódicos, coletâneas organizadas pelo autor, artigos em algumas antologias coordenadas por outrem, um programa de curso ministrado e prefácios” (p.15).

Ao longo dos anos, uma das simplificações feitas em torno da obra de Sodré é a que a apresenta como uma tentativa de aplicação mecânica do modelo marxista-leninista sobre a sucessão linear dos modos de produção, tendo por referência a Europa ocidental. Para Quartim de Moraes, autor do verbete “Capitalismo e revolução burguesa no Brasil”, essa opinião é insustentável. O tão propalado resquício feudal – ao contrário do que ocorreu na Europa – foi fruto de uma regressão econômica e não de um avanço no sentido do desenvolvimento de forças produtivas.

Se os termos feudal e semifeudal eram utilizados de maneira inadequada – por nos remeter a um modelo de organização econômico e social de uma Europa medieval – não menos inadequado foi considerar as relações de produção e, portanto, o modo de produção, predominantes entre nós a partir do século XVI, capitalista. O termo impreciso pré-capitalista também não pode nos satisfazer plenamente – diz mais sobre o que não são do que sobre o que são as relações de produção que se constituíram nos interstícios do escravismo colonial (p.25-6).

No ensaio *Modos de produção no Brasil*, afirma Norberto Guarinello, “o historiador não se alinha ... com aqueles marxistas que defendem uma sucessão única e universal de modos de produção ... Pelo contrário, opõe, com muita clareza, o desenvolvimento dos modos de produção no Brasil à seqüência tida como ‘clássica’, que seria característica de algumas regiões da Europa”. Ele constata “a simultaneidade de diferentes modos de produção na colônia”. E conclui: “portanto, não há um Brasil unificado pelo mesmo modo de produção, o que nos permite ... falar em diferentes Brasis” (p.262-3).

Segundo Fábio Massa – no verbete “As Classes Sociais no Brasil” –, Sodré sempre criticou o formalismo jurídico liberal que considerava o país feudal simplesmente por ter-se tentado importar a legislação e as instituições feudais portuguesas, como as sesmarias. Escreveu o próprio Sodré: “... apesar da legislação inicial da colonização ter sido feudal ... predominará um modo de produção escravista” (p.35).

Esses verbetes se, de um lado, confirmam a originalidade de Sodré, de outro expõem a tensão entre a afirmação de que no país teria predominado um Modo de Produção Escravista e aquela que diz que não haveria um Brasil “unificado pelo mesmo modo de produção”. Essa contradição não é o resultado de uma falsa apreensão dos seus intérpretes, ela está presente nos próprios trabalhos do autor. Vem da não diferenciação conceitual entre Formação Social e Modo de Produção.

Acredito que as contribuições de Poulantzas poderiam ajudar Sodré a ultrapassar esse gargalo de seu esquema teórico. Para ele, toda formação social é uma

articulação complexa de vários tipos de relações de produção, sob hegemonia de uma delas. Assim, não existiria um Modo de Produção em estado puro.

A colônia e o Império – como formações sociais concretas – articularam diversas relações de produção, sob hegemonia escravista. É justamente essa predominância estrutural que nos permite definir o Modo de Produção existente no Brasil naqueles períodos como escravista. Uma conclusão a que, muitas vezes, Werneck Sodré parece chegar sem tirar dela todas as conseqüências teóricas e políticas.

Outro tema espinhoso é o da relação entre o autor e a política adotada pelo PCB desde o final da década de 1950. Rodrigo Ricupero, por exemplo, no verbete “Formação Histórica do Brasil”, afirma que Sodré “representava a visão dominante dentro do Partido Comunista Brasileiro ... Tal concepção tinha como origem o esquema dos cinco tipos ‘fundamentais’ de modos de produção – desenvolvido pelo marxismo vulgar soviético da época de Stalin – e acabou conhecido como ‘etapismo’, pois a revolução burguesa seria uma etapa preliminar da revolução socialista” (p.121). De fato, ele era um defensor da estratégia pecebista. Mas, como já vimos, sua visão do desenvolvimento histórico do Brasil não pode ser confundida com a aplicação mecânica das “teses consagradas” da III Internacional – ou do chamado “marxismo vulgar” de Stalin.

Além disso, a defesa da necessidade de etapas nas revoluções e de uma revolução burguesa antecedendo a revolução socialista nada tem de stalinismo. Elas foram amplamente aceitas pelo movimento socialista internacional muito antes da ascensão de Stalin ao poder.

Contudo, devemos concordar com alguns de seus críticos. Ao concentrar suas atenções no desenvolvimento das forças produtivas, Sodré se descuidou de analisar as relações sociais de produção – subestimando a luta das classes exploradas fundamentais e superestimando o papel da burguesia nacional na chamada revolução brasileira. Alimentou a ilusão de que desenvolvimento econômico, por si mesmo, pudesse trazer a libertação dos trabalhadores e da nação. Ele passava a ser o “motor da história” e não a luta de classes. Uma concepção que, devemos reconhecer, não foi de todo estranha ao marxismo dos séculos XIX e XX.

Werneck Sodré foi um dos primeiros a estudar o problema militar do ponto de vista do marxismo. O resultado foi a publicação de *A história militar no Brasil*. Esta, entre outros, teve o mérito de revelar a existência de setores democráticos e nacionalistas no interior das Forças Armadas, fato que acabou sendo obscurecido pelo golpe militar de 1964. Como afirma Paulo Cunha: “Nesse resgate histórico, o compromisso do Exército e seu caráter democrático podem ser atestados em muitas rebeliões ..., expressas nas várias crises do movimento tenentista” (p.191).

Segundo a lógica do autor, a vitória da direita militar foi o resultado de uma luta acirrada no interior da sociedade e do Estado brasileiro – e toda luta pressupõe a existência de, pelo menos, dois lados. Sodré ficou do lado dos derrotados e pagou caro por sua opção democrática e antiimperialista. Algo fica um pouco

à sombra: se é verdade que podem existir alas democráticas e até socialistas nas Forças Armadas, estas, como instituições-chave do Estado burguês, jamais poderão ser efetivamente democráticas ou socialistas, sob pena de perder sua função e se dissolver como tal.

Entre os muitos intelectuais que contribuíram com essa importante obra de reconstrução do pensamento crítico de Nelson Werneck Sodré também se encontram Caio Navarro de Toledo, José Paulo Neto, José Antônio Segatto, Marly Vianna, Lígia Osório, Lincoln Secco, Lúcio Flávio de Almeida e Marcos Del Roio.

BUONICORE, Augusto. Resenha de: SILVA, Marcos (Org.). Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, 469p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.28, 2009, p.179-182.

Palavras-chave: Dicionário crítico; História; Marxismo.